ArReDia
Revista da Faculdade de Comunicação, Artes e Letras / UFGD

MEMÓRIAS PÓSTUMAS DE BRÁS CUBAS E A REPRESENTAÇÃO CRÍTICA DO PROCESSO DE MODERNIZAÇÃO BRASILEIRA

Memórias póstumas de Brás Cubas and the critic representation of Brazilian modernization process

Bárbara Del Rio Araújo[i]
CEFET-MG/ UFMG-POSLIT
Débora Ribeiro[ii]
CEFET-MG / PIBIC-JR
Marina Franco Barbosa[iii]
CEFET-MG / PIBIC-JR

Resumo: O trabalho busca analisar o procedimento estético do livro *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, publicado em 1881 por Machado de Assis, evidenciando, a partir do conceito de "Redução Estrutural", o processo da modernização e inserção tecnológica brasileira. Tal processo pode ser explicado pela própria configuração histórica nacional, sobretudo a dinâmica da sociedade do século XIX, pautada nas relações de favor, interesse e aparência. Constatou-se que a literatura machadiana, como um fenômeno cultural brasileiro, proporcionou, pelo objeto estético, o conhecimento da realidade e as suas possibilidades de transformação.

Palavras-chave Literatura e Sociedade. Mediação formal. *Memórias Póstumas de Brás Cubas*.

Abstract: This paper aims analyze *Memórias Póstumas de Bras Cubas* aesthetic procedure, published in 1881 by Machado de Assis, evidencing throughout "redução estrutural" concept, the modernization and Brazilian technologic insertion process. This process can be explained by our own national historic configuration, mainly the dynamic from the XIX century society, regulated by favour, interests and appearance relations. It was checked that machadiana literature, like a Brazilian cultural phenomenon, enables, by the aesthetic object, the reality knowledge and its transformation possibilities.

Keywords: Literature and Society. Formal Mediation. *Memórias Póstumas de Brás Cubas*.

Introdução

Antonio Candido, por meio do seu livro *Literatura e Sociedade*, trata da análise estética da obra literária e da sua relação com o momento histórico, demonstrando a relação dialética existente entre a arte e o meio social. Nesse aspecto, é importante ressaltar que a literatura não está vinculada somente com a questão empírica; a Sociologia, a História e a Filosofia ajudariam a esclarecer alguns de seus aspectos, mas não explicam o fenômeno artístico completamente. Segundo Candido, quando se restringe a interpretação às questões sociológicas e

filosóficas, há um simplismo da interpretação. Assim, o estudioso salienta que tal interdisciplinaridade é importante, mas:

> [...] o primeiro cuidado em nossos dias é, portanto, delimitar os campos e fazer sentir que a sociologia não passa, neste caso de disciplina auxiliar; não pretende explicar o fenômeno literário ou artístico, mas apenas esclarecer alguns dos seus aspectos (CANDIDO, 2000, p.28).

Nesse sentido, pode-se dizer que a literatura tem uma série de conceitos específicos, utilizados como instrumento para fugir ao máximo de "achismos" e julgamentos leigos. Necessário é investir no diálogo dessa disciplina específica com as áreas de conhecimento afins. Temos, então, o conceito de "Redução Estrutural", cunhado por Antonio Candido para analisar os aspectos que se transfiguram da realidade para a obra a partir do seu Conteúdo e da sua Forma. De acordo com Candido, Redução Estrutural é: "[...] o processo por cujo intermédio a realidade do mundo e do ser se torna, na narrativa ficcional, componente de uma estrutura literária, permitindo que esta seja estudada em si mesma, como algo autônomo." (CANDIDO, 2000, p.9).

Embasado em questões estéticas e em diálogo com questões históricas e sociológicas, a obra deve ser estudada no seu Conteúdo e Forma "[...] lembraremos que os valores e ideologias contribuem principalmente para o *conteúdo*, enquanto as modalidades de comunicação influem mais na *forma*" (CANDIDO, 2000, p.40, itálico do autor). A forma é responsável por organizar o conteúdo e por oferecer o caráter realista na ficção, envolve a reorganização da realidade na estrutura literária, o que não significa a representação fiel dos pormenores da vida social, mas o modo como esse material é engendrado em seu interior. Sendo assim, a forma é uma ferramenta utilizada pelo autor para organizar características realistas e representá-las dentro da obra literária:

> A junção de romance e sociedade se faz através da forma. Esta é entendida como um princípio mediador que organiza em profundidade os dados da ficção e da realidade, sendo parte dos dois planos. (...) Trata-se de uma teoria enfática do realismo literário e da realidade social enquanto formada. Nesta concepção, a forma do romance comporta, entre outros elementos, a incorporação de uma forma de vida real, que será acionada no campo da imaginação (SCHWARZ, 1987, p.141).

O Romance moderno é aquele que mais expressa e expõe, por meio da forma e do conteúdo, as relações entre a sociedade e a literatura moderna. O romance é capaz de representar a sociedade moderna em todos os seus aspectos e o método narrativo utilizado para incorporar a representação da realidade se chama *Realismo formal:*

> O método narrativo pelo qual o romance incorpora essa visão circunstancial da vida pode ser chamado seu realismo formal; formal porque aqui o termo 'realismo' não se refere a nenhuma doutrina ou propósito literário específico, mas apenas a um conjunto de procedimentos narrativos que se encontram tão comumente no romance e tão raramente em outros gêneros literários que podem ser considerados típicos dessa forma (WATT,1990, p. 31).

O romance realista caracteriza-se pela transfiguração da sociedade e do sistema que a rege utilizando como ferramenta a forma, segundo Faoro: "*A ficção não reflete a realidade nem a reproduz no espelho; ela a critica, a combate, a denigre.*" (FAORO, 2001, apud WAIZBORT, 2007, p.17, itálicos do autor). O realismo utiliza a forma para expor a degradação da sociedade, não se tratando de uma transcrição exata, mas sim de uma transmutação de um problema, que é filtrado pelas ideias do autor, para a obra. Para exemplificar isso podemos utilizar o realismo machadiano:

> Precisamente o realismo peculiar de Machado, que não é a realidade tal qual a história e a sociologia, boas irmãs que são, mas sim uma iluminação desta realidade: não o espelho que simplesmente reflete, mas a lâmpada que deforma (WAIZBORT, 2007, p. 21).

É importante destacar que cada local possui uma realidade diferente caracterizada pelo seu processo histórico e pela formação de sua sociedade. Devido a isso, pode-se dizer então que existem diferentes tipos de realismo que se adéquam a cada especificidade de determinado tempo histórico e social. Assim, o realismo brasileiro demonstra a realidade de uma nação historicamente atrasada que sempre assimila as conquistas ideológicas dos países desenvolvidos e expõe uma desigualdade do sistema, evidencia um desajuste em relação às necessidades e às políticas externas, segundo Schwarz: "ao longo de sua reprodução social, incansavelmente o Brasil põe e repõe ideias europeias, sempre em sentido impróprio. É nesta qualidade que elas serão matéria e problema para a literatura." (SCHWARZ, 2000, apud WAIZBORT, 2007, p. 40). Desse modo, a sociedade brasileira se organiza de maneira a priorizar a perspectiva e a mediação do favor e da aparência, diferentemente da Europa que tem como matéria matriz do capitalismo o dinheiro:

> O favor é a nossa mediação quase universal- sendo mais simpática que o nexo escravista, a outra relação que a colônia nos legara, é compreensível que os escritores tenham baseado nele a sua interpretação do Brasil, involuntariamente disfarçando a violência, que sempre reinou na esfera da produção (SCHWARZ, 2000, apud WAIZBORT, 2007, p. 41).

Os romances do escritor Machado de Assis possuem uma característica própria marcada pelo seu moralismo, ele critica o sistema e a sociedade degradada em que vivemos utilizando a ironia como principal ferramenta. Desse modo, o autor analisa a sociedade brasileira e seus valores burgueses representando-os de formas diversas, inclusive com antirrealismo, faz isso a partir da figura de um autor defunto.

Memórias Póstumas de Brás Cubas e a memória nacional.

Memórias Póstumas de Brás Cubas é uma narrativa escrita em primeira pessoa, na qual um eu narrante conta a sua história como personagem, o eu narrado. O narrador, caracterizado pela condição defunta, proporciona ao personagem descrever sua trajetória da maneira que bem entende o que caracteriza a volubilidade, ele age da maneira que lhe for mais conveniente durante as diversas situações apresentadas na obra. Nesse sentido, é recorrente a estratégia da ironia marcando o desdobramento de função conhecida como parábase. Na narrativa moderna, a ironia funda-se na parábase quando o narrador não se limita a narrar e mais se compraz em reduzir a enunciação deliberando assinalações críticas, tirando a inércia inicial:

> A ironia como forma privilegiada do conhecimento se compreende quando se considera a tradição onto-teo-lógica da metafísica. Da separação da metafísica da finitude sensível e da infinitude inteligível decorrem as oposições antagônicas do corpo e da alma, da matéria e do espírito, da realidade e da idealidade, da aparência e da ideia, enfim, de todos os pares de dualismos que se impuseram ao pensamento ocidental-europeu. (...) No contexto histórico-social da intolerância generalizada, a dialética poética da ironia se apresenta como antífona à teoria metafísica do conhecimento ao preconizar a substituição da oposição antagônica pela oposição complementar. (...) A consciência nostálgica do infinito é metacriticamente balanceada pela experiência concreta do finito. Neste sentido, a parábase permanente é uma exposição continua da contradição da estrutura que condiciona o ser do homem e do mundo. (...) Constitui um princípio de determinação e simultaneamente de abertura indeterminada (SOUZA, 2006 p.42).

Nos estudos machadianos, Ronaldes de Melo e Souza avança sobre essa discussão a fim de mostrar como a forma irônica corresponde ao comportamento alienado de homens socialmente considerados normais. Em *Quincas-borba*, por exemplo, a versão romanesca do princípio de humanitas, submete o sistema axiológico da tradição humanista da civilização ocidental a uma desconstrução radicalmente irônica ao apontar para o sério e o risível e, mais que isso, para a loucura e reificação. (SOUZA, 2006, p.70). No caso de *Memórias Póstumas de Brás*

Cubas, existe a representação típica de um burguês do século XIX que goza da sua posição e seus privilégios. A ironia e a volubilidade da narrativa é a técnica pela qual incide a crítica ao princípio da modernização conservadora e a continuação dos pressupostos e características coloniais na sociedade novecentista brasileira. Para mostrar e exemplificar essa questão, analisou-se a forma e o conteúdo da obra machadiana, que configura o comportamento e a preocupação de uma burguesia nacional para implantar avanços tecnológicos na sociedade, mas ainda mantendo um caráter atrasado por meio das relações de cordialidade.

Diante de um progresso específico, pautado em uma ideia de modernização parcial, "de fachada", mostrando só a casca (epidérmica) ligada ao conservadorismo, a narrativa de *Memórias Póstumas de Brás Cubas* é representativa. Tal fenômeno empírico pode ser configurado esteticamente por uma passagem do capítulo "Bacharelo-me", ao qual Brás evidencia como sua formação acadêmica se deu de forma superficial e somente parecia conhecer e estudar os conteúdos com afinco:

> Um grande futuro? Talvez naturalista, literato, arqueólogo, banqueiro, político ou até bispo, — bispo que fosse, — uma vez que fosse um cargo, uma preeminência, uma grande reputação, uma posição superior. A ambição, dado que fosse águia, quebrou nessa ocasião o ovo, e desvendou a pupila fulva e penetrante. Adeus, amores! Adeus, Marcela! Dias de delírio, jóias sem preço, vida sem regime, adeus. Cá me vou às fadigas e à glória; deixo-vos com as calcinhas da primeira idade. E foi assim que desembarquei em Lisboa e segui para Coimbra. A universidade esperava-me com as suas matérias árduas; estudei-as muito mediocremente, e nem por isso perdi o grau de bacharel; derramo com a solenidade do estilo, após os anos da lei; uma bela festa que me encheu de orgulho e de saudades, principalmente de saudades. Tinha eu conquistado em Coimbra uma grande nomeada de folião; era um acadêmico estróina, superficial, tumultuário e petulante, dado às aventuras, fazendo romantismo prático e liberalismo teórico, vivendo na pura fé dos olhos pretos e das constituições escritas. No dia em que a universidade me atestou, em pergaminho, uma ciência que eu estava longe de trazer arraigada no cérebro, confesso que me achei de algum modo logrado, ainda que orgulhoso (ASSIS, 1998, p.22).

Percebe-se que além do conteúdo fazer remissão a uma estratégia classista adotada pelo personagem, a volubilidade do narrador é extrema e evidencia como seu comportamento está sempre ligado a procura da obtenção de seus próprios lucros e interesses. A escolha profissional alicerçada em cargos de status - literato, arqueólogo, banqueiro, político e bispo – reforça a preocupação com a ambição, seu único escopo. Além disso, esse mesmo narrador acaba por confessar que "o derramamento e a solenidade de estilo" encobre seus estudos medíocres.

Essa dialética entre a aparência e a essência, desvelada pela ironia é também salientada na vontade de Brás em criar um emplasto. Inicialmente, a sua postura é humanista de apresentar tal medicamento como "destinado a aliviar nossa melancólica humanidade" (ASSIS, 1998, p.3). Nesse aspecto, Brás inicia seu discurso com ar benevolente: "Na petição de privilégio que então redigi, chamei a atenção do governo para esse resultado, verdadeiramente cristão." (ASSIS, 1998, p.3). Porém ao longo da passagem a volubilidade nos permite compreender o real intuito desse projeto, que não tinha o desígnio de avanço cientifico e na saúde, mas sim desejo de lucro e fama:

> Agora, porém, que estou cá do outro lado da vida, posso confessar tudo: o que me influiu principalmente foi o gosto de ver impressas nos jornais, mostradores, folhetos, esquinas, e enfim nas caixinhas do remédio, estas três palavras: *Emplasto Brás Cubas*. Para que negá-lo? Eu tinha a paixão do arruído, do cartaz, do foguete de lágrimas. Talvez os modestos me arguam esse defeito; fio, porém, que esse talento me hão de reconhecer os hábeis. Assim, a minha ideia trazia duas faces, como as medalhas, uma virada para o público, outra para mim. De um lado, filantropia e lucro; de outro lado, sede de nomeada. Digamos: — amor da glória." (ASSIS, 1998, p.3).

É destacado que o discurso de Cubas altera-se frequentemente durante a narrativa a fim de demonstrar inicialmente interesse e preocupação pela sociedade, mas que se transforma posteriormente em um discurso egoísta voltado apenas para benefício próprio. Confirma-se pela *Redução Estrutural,* que tal atitude retrata o comportamento da classe social burguesa novecentista, ao qual Brás Cubas se insere, e que ainda permanece presente em nossa sociedade:

> Nossa tese, de cujo bem-fundado tentaremos convencer o leitor, vai na direção contrária: sem prejuízo do raio de ação ilimitado, e, neste sentido, universal, a volubilidade do narrador e a série dos abusos implicados retêm a feição específica, ou, para falar com Antonio Candido, configuram a "redução estrutural" de um movimento que a circunstância histórica impunha — ou facultava, conforme o ponto de vista — à camada dominante brasileira (SCHWARZ,1990, p.15.).

A volubilidade da narrativa, essa oscilação entre diversas posturas, ocasionando a formação de propostas que ao final só traria benefício a si próprio explicita as relações coloniais de cordialidade, favor e interesse que ainda estão presentes na sociedade brasileira atual, sobretudo na classe burguesa em ascensão. Brás parece democrático, finge ser para realizar somente o que tem vontade. Essas relações interessadas são representadas na obra de modo mais explícito ou implícito, como vimos na ironia narrativa.

De modo mais escancarado está, por exemplo, a discussão do casamento arranjado. No livro, o pai de Brás deseja que ele se case com Virgília, sobretudo

para conseguir um cargo de político. Brás mal conhece a jovem e pretende se casar somente com o preceito de conquistar tal emprego por indicação dos familiares da noiva. Interessante é que, devido a volubilidade, em certos momentos, o protagonista até demonstra um sentimento por Virgília, dando a entender que existiria um pouco de amor, porém, mesmo após a jovem se casar com Lobo Neves, ele mantém relações com a moça, demonstrando um possível amor carregado por conveniência social e política:

> — Tu; é um homem notável, faz hoje às vezes de Imperador. Demais trago comigo uma ideia, um projeto, ou... sim, digo-te tudo; trago dois projetos, um lugar de deputado e um casamento.
> Meu pai disse isto com pausa, e não no mesmo tom, mas dando às palavras um jeito e disposição, cujo fim era cavá-las mais profundamente no meu espírito. A proposta, porém, desdizia tanto das minhas sensações últimas, que eu cheguei a não entendê-la bem. Meu pai não fraqueou e repetiu-a; encareceu o lugar e a noiva.
> — Aceitas?
> — Não entendo de política, disse eu depois de um instante; quanto à noiva... deixe-me viver como um urso, que sou.
> — Mas os ursos casam-se, replicou ele" (ASSIS, 1998, p.25).

Outro capítulo importante na narrativa para a compreensão das relações de interesse e favor, sobreviventes na sociedade mesmo diante de um processo de modernização progressista a gerar pulverização democrática, é o capítulo denominado como "O vergalho". Nesse, Brás Cubas se depara com a cena de um dos seus antigos escravos, agora alforriado, batendo em outro negro utilizando um vergalhão. Ao se deparar com essa cena Cubas manda que Prudêncio, o vergalho, pare de bater no outro negro, que o último diz ser seu escravo.

Analisando essa passagem do livro é possível notar um grau de avanço social relacionado a libertação de um escravo, que porém é acompanhado por um atraso explícito pelo fato de o alforriado possuir agora seu próprio escravo. Outra notação importante nesse capítulo é a atitude de Prudêncio que ao ver seu antigo dono simplesmente age como se ainda fosse escravo do mesmo, pedindo a benção de Cubas, tratando-lhe como nhonhô e ainda obedecendo a uma de suas ordens:

> Tais eram as reflexões que eu vinha fazendo, por aquele valongo fora, logo depois de ver e ajustar a casa. Interrompeu-me, mas um ajuntamento; era um preto que vergalhava outro na praça. O outro não se atrevia a fugir; gemia somente estas únicas palavras:
>
> — "Não, perdão, meu senhor; meu senhor, perdão!"
>
> Mas o primeiro não fazia caso, e, a cada súplica, respondia com uma vergalhada nova.
>
> — Toma diabo! Dizia ele; toma mais perdão, bêbado!

> — Meu senhor! Gemia o outro.
>
> — Cala a boca, besta! Replicava o vergalho.
>
> Parei, olhei... Justos céus! Quem havia de ser o do vergalho? Nada menos que o meu moleque Prudêncio, — o que meu pai libertara alguns anos antes. Cheguei-me; ele deteve-se logo e pediu-me a bênção; perguntei-lhe se aquele preto era escravo dele.
>
> — É, sim, nhonhô.
>
> — Fez-te alguma coisa?
>
> — É um vadio e um bêbado muito grande. Ainda hoje deixei ele na quitanda, enquanto eu ia lá embaixo na cidade, e ele deixou a quitanda para ir na venda beber.
>
> — Está bom, perdoa-lhe, disse eu.
>
> — Pois não, nhonhô. Nhonhô manda, não pede. Entra para casa, bêbado! (ASSIS, 1998, p. 131).

Pelo processo histórico brasileiro, é possível evidenciar que a modernização abolicionista aqui no Brasil foi associada ao atraso. Pode-se considerar como exemplo a Lei Feijó, promulgada em 7 de novembro de 1831, conhecida como "Lei pra inglês ver", aprovada devido a pressões inglesas para abolição da escravidão. Porém, embora proibisse o comércio negreiro, a lei foi praticamente ignorada por traficantes escravistas que continuavam a comercializar escravos por todo mundo, até que foi lançada uma nova lei, denominada como Lei Eusébio de Queiróz, em 1850, para dar um "ponto final" ao tráfico negreiro.

Anos depois, em 1888, ocorreu no Brasil a abolição escravocrata assinada pela princesa Isabel no dia 13 do mês de março daquele ano. Apesar de parecer que após a assinatura dessa lei todos os escravos seriam libertos e poderiam construir sua vida igual às outras classes sociais, não foi bem isso o que aconteceu. Quando os grandes proprietários de terra alforriavam seus escravos estes iam para as cidades em busca de empregos assalariados, porém a maioria deles não conseguia e grande parte dos ex-escravos voltavam para os engenhos dos seus antigos donos e continuavam a trabalhar em condições precárias em troca de comida e moradia. Desse modo, mesmo com o decreto da Lei Áurea, a imposição burguesa sobre a classe escrava continuava marcante, como foi representada no livro com a obediência de Prudêncio para com Brás Cubas.

Nessa seara, o processo de abolição da escravidão constituíra-se um avanço, porém os escravos não se viram livres porque muitos continuaram trabalhando nas fazendas sob o domínio do ex-senhor e outros foram para as cidades formando uma massa de marginalizados. Marca-se assim a continuação do atraso:

> Abolido o trabalho escravo, praticamente em nenhuma parte houve modificações na real significação na forma de organização da produção e mesmo na distribuição da renda. Sem embargo, havia-se eliminado uma das vigas básicas do sistema de poder formado na época colonial e que, ao perpetuar-se no século XIX, constituía um fator de entorpecimento do desenvolvimento econômico do país (FURTADO, 1974, p.205).

O atraso brasileiro também é exteriorizado pelas gritantes diferenças sociais do país que são mostradas no livro através da figura de Dona Plácida, mulher pobre, a qual Cubas aproveitou de sua casa para se encontrar com a amante, Virgília:

> - Assim, pois, o sacristão da Sé, um dia, ajudando à missa, viu entrar a dama, que devia ser sua colaboradora na vida de Dona Plácida. Viu-a outros dias, durante semanas inteiras, gostou, disse-lhe alguma graça, pisou-lhe o pé, ao acender os altares, nos dias de festa. Ela gostou dele, acercaram-se, amaram-se. Dessa conjunção de luxúrias vadias brotou Dona Plácida. E de crer que Dona Plácida não falasse ainda quando nasceu, mas se falasse podia dizer aos autores de seus dias: — Aqui estou. Para que me chamastes? E o sacristão e a sacristã naturalmente lhe responderiam: — Chamamos-te para queimar os dedos nos tachos, os olhos na costura, comer mal, ou não comer, andar de um lado para outro, na faina, adoecendo e sarando, com o fim de tornar a adoecer e sarar outra vez, triste agora, logo desesperada, amanhã resignada, mas sempre com as mãos no tacho e os olhos na costura, até acabar um dia na lama ou no hospital; foi para isso que te chamamos, num momento de simpatia (ASSIS, 1998, p. 56).

Nessa passagem, é nítida a posição inferior na qual Dona Plácida é colocada por Brás Cubas. Brás deixa bem claro que a mulher veio ao mundo para lhe servir e que ela nunca conseguirá passar disso. E é exatamente nessa posição que Plácida se encontra ao decorrer da narrativa, a senhora é empregada de Cubas e ainda é obrigada a contribuir com seus encontros escondidos com Virgília.

Dessa maneira, com a análise da forma e do conteúdo da obra literária *Memórias Póstumas de Brás Cubas,* é possível compreender como a modernização brasileira se deu de forma considerada atrasada, uma vez que apesar de apresentar alguns aspectos de avanço ainda preserva relações de cordialidade que eram base da sociedade brasileira novecentista. A postura volúvel do narrador utilizada para ludibriar o leitor e também os demais personagens mostra que a classe burguesa apenas aparentemente se desdobra para no fim responder aos seus próprios desígnios e caprichos.

Considerações finais

Observa-se, pela disposição volúvel do narrador, em *Memórias Póstumas de Brás-Cubas,* uma dinâmica específica da sociedade brasileira do século XIX. Tal dinâmica evidencia, sobretudo como a classe burguesa, criticamente representada na figura social de Brás Cubas, utiliza da aparência democrática, mas dissemina relações de interesse, fato que representa o motivo pelo qual, no Brasil, se deu uma modernização periférica marcada sempre com traços de atraso.

A inserção brasileira no progresso tecnológico não se deu de forma efetiva uma vez que os lastros sociais e democráticos dessa modernização permaneceram intactos, gerando assim um falso desenvolvimento. Aqui, busca-se somente parecer ou ocorrer superficialmente progressista como demonstrado pelos capítulos "Bacharelo-me", "O vergalho" e também na ideia do "Emplasto". Em todas as passagens é possível perceber que as mudanças visavam apenas justificar e manter a classe burguesa no lugar que ela ocupa.

O sistema do favor ou relação cordial é a grande questão do livro, exemplificados pela passagem do casamento arranjado, ou na figura de um escravo "livre", mas que ainda permanece com as relações de servidão. Assim, evidencia como o desenvolvimento está ligado a interesses e muitas vezes prestação de favores e desejos de determinado grupo, classe ou pessoa. Na figura de Brás, por exemplo, está claro que o protagonista é inapto a exercer o cargo na política, visto que o próprio fingiu que estudou e não sabia como realizar tal trabalho. Porém, Cubas recebe a proposta somente por ser o pretendente da filha de um figurão. Tal atitude atrasa o processo de modernização, pois, pela cordialidade (prestação de favores), não se desenvolve um avanço justo, igualitário, com acesso todas as classes, mantendo ainda o estatuto colonial:

> As conquistas liberais da Independência alteravam o processo político de cúpula e redefiniam as relações estrangeiras, mas chegavam ao complexo sócio-econômico gerado pela exploração colonial, que ficava intacto, como que devendo uma revolução. Noutras palavras o senhor e o escravo, o latifúndio e os dependentes, o tráfico negreiro e a monocultura de exportação permaneciam iguais, em contexto local e mundial transformado (SCHWARZ, 1990, p.40.)

O interesse é evidente ainda no tratamento de Brás com Dona Plácida, em que Cubas buscava somente benefício próprio, acreditando que as demais classes veio ao mundo para servi-lo. Tal exposição demonstra crítica a classe burguesa novecentista que mantem seus benefícios não por trabalho próprio, mas pelo esforço alheio. Uma classe ligada a lucros, agindo somente a seu desenvolvimento e não da sociedade como um geral.

Conclui-se que a literatura representa e se constitui como uma forma de denúncia, estudo e análise da sociedade em que esta inserida. Pela organização

narrativa de *Memórias Póstumas de Brás-Cubas,* evidencia-se uma dinâmica específica da sociedade brasileira do século XIX, mas que, criticamente, permanece até os dias atuais, na modernização periférica marcada sempre com traços de atraso. Nesse aspecto, podemos, por fim, compreender a forma composicional do romance e quanto a modernização é entrelaçada a ela, não como pano de fundo, mas como estrutura principal, fomentando a representação da realidade.

O procedimento metodológico escolhido, ao aliar os estudos sobre o processo social, a estrutura romanesca e a materialidade histórica, eliminou uma possível perspectiva limitada acerca da literatura, e possibilitou entendê-la como modo de modificação da realidade.

Referências

ASSIS, Machado de. *Memórias Póstumas de Brás Cubas*. São Paulo: Record, 1998.

CANDIDO, Antonio. *Literatura e Sociedade*. 11ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2010.

FAORO, Raymundo. *Machado de Assis: A Pirâmide e o Trapézio.* 4.ed. São Paulo: Globo, 2001.

FURTADO, Celso. *O Mito do Desenvolvimento Econômico.* Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1974.

SOUZA, Ronaldes de Melo. *O romance tragicômico de Machado de Assis*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2006.

SCHWARZ, Roberto. *Que horas são?: ensaios.* São Paulo: Cia das letras, 1987.

SCHWARZ, Roberto. *Um mestre na periferia do capitalismo:* Machado de Assis. São Paulo: Duas Cidades, 1990.

SCHWARZ, Roberto. *Ao vencedor as batatas:* forma literária e processo social nos inícios do romance brasileiro. 5ª ed. São Paulo: Duas Cidades, 2000.

WAIZBORT, Leopoldo. *A passagem do três ao um*. São Paulo: Cosac Naify, 2007.

[i] E-mail da autora: barbaradelrio.mg@gmail.com
[ii] E-mail do autora: deboracamb01@gmail.com

[iii] E-mail da autora: marinafrancobarbosa@hotmail.com